

# ESCRITA DE SI: EXPERIÊNCIAS QUE SIGNIFICAM

**JOSEFFER MAXI MAIA RODRIGUES<sup>1</sup>**

## RESUMO

Este trabalho foi realizado durante o estágio supervisionado em Língua Portuguesa IV. Para isto, foi utilizada a sequência didática que funcionou em quatro módulos primordiais: 1) O que é o Autorrelato?; 2) Português ou Brasileiro: identidade, memória e pontos de vista sobre a língua portuguesa e suas interpelações históricas e sociais; 3) Desvio da norma padrão e variação linguística: o que isso tem a ver com a ortografia?; 4) Relato pessoal, empatia e diálogo. Portanto, inicialmente foi realizada uma introdução ao gênero relato escrito e revisão da modalidade oral, ressaltando a importância da linguagem para a construção da identidade do sujeito. Em um segundo momento, foi proposta uma reflexão sobre o que hoje em dia a academia debate sobre os pormenores entre o Português Brasileiro e o Europeu. Em seguida, também foi proposta uma reflexão sobre o uso da norma padrão e variação linguística. Ao final do estágio, os alunos produziram seu relato pessoal e, por fim, realizei a socialização dos relatos. O que me chamou bastante atenção foi a dinamicidade dos relatos, em que pude encontrar diversas reflexões subjetivamente profundas. Dessa maneira, os casos que encontrei nos relatos variaram entre situações extremamente negativas até situações extremamente positivas.

**Palavras-chave:** Autorrelato, Estágio Supervisionado, Sequência Didática, Língua Portuguesa.

1 Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco- PPGL/UFPE, Bolsista CNPq, maxi.maia.r@gmail.com;

## INTRODUÇÃO

O estágio supervisionado curricular se constitui como uma grande oportunidade para os estudantes das diversas licenciaturas iniciarem seus primeiros contatos com a escola. Segundo Santos (2005), junto com as disciplinas teóricas desenvolvidas na licenciatura, ele é um espaço de construções significativas no processo de formação, contribuindo com o fazer profissional do futuro professor. Para os licenciandos, de um modo geral, o estágio serve como um campo de conhecimento que envolve a observação, questionamentos e propostas de intervenções (PEREIRA et al., 2009). No entanto, com o advento da pandemia do COVID-19, o formato de ensino tradicional precisou, de maneira emergencial, ser repensado e reestruturado (MARTINS et al., 2020). Sabendo disso, os estágios de regência, do qual esse trabalho é fruto, precisaram seguir o mesmo direcionamento. Depois de certo tempo de inserção na sala de aula, em que é feita apenas uma observação sobre as interações entre o professor de língua portuguesa e os estudantes, dar-se-á início ao planejamento didático e, por fim, a regência desse planejamento.

Tendo isso em vista, a proposta de sequência didática aqui apresentada buscou aliar as demandas dos estudantes em meio ao contexto de ensino remoto com o letramento em algum gênero textual. Então, foi escolhido o gênero Autorrelato como guia para a prática pedagógica da regência., no sentido de tentar aliar o contexto do momento vivido, as demandas dos alunos (que reclamavam de não se conhecerem bem enquanto turma) e da professora supervisora que tinha alguns conteúdos programados para dar conta. Assim, a proposta da sequência didática funciona em 4 módulos primordiais: a) O que é o Autorrelato? b) Português ou Brasileiro: identidade, memória e pontos de vista sobre a língua portuguesa e suas interpelações históricas e sociais c) Desvio da norma padrão e variação linguística: o que isso tem a ver com a ortografia? d) Relato pessoal, empatia e diálogo. A ideia é promover uma apreciação do gênero textual estudado através da leitura, depois pensar como se deu o nascimento do Português como língua, sua vinda ao Brasil e suas interpelações através, também, de relatos e, ainda, pensar questões de gramática de maneira contextualizada para, por fim, solicitar a produção e socialização dos autorrelatos dos estudantes.

Portanto, o retorno dos estudantes foi extremamente positivo. Relatos de como eles conseguiram se conhecer de fato por conta das atividades propostas eram bastante comuns. Ainda, foi observado igualmente uma melhora nos desvios gramaticais das produções dos alunos, assim como foi possível repensar a própria ideia de erro na língua e como isso pode ter a ver com preconceitos. Dessa maneira, foi possível refletir sobre o lugar da norma-padrão e sua relação com as diversas variações e como isso interpela a constituição do humano.

Para o desenvolvimento deste estágio, escolhi o Instituto Federal de Pernambuco, Campus Recife, e a turma do 1 ano A. A partir das horas de observação, foi possível conhecer melhor a turma com o objetivo de traçar um perfil comportamental e cognitivo dela, já que essa caracterização era precisa para iniciar a regência, no intuito de melhor atender às necessidades de aprendizagem dos alunos. Em seguida, assumi as aulas de Língua Portuguesa e fiz a regência

## METODOLOGIA

Este estágio consistiu na observação de aulas de língua portuguesa de forma remota, ou seja, todas as atividades didáticas foram realizadas por meio da plataforma digital *google classroom*. No que diz respeito ao espaço escolar, conversas prévias foram conduzidas com a professora supervisora, para a melhor compreensão do funcionamento e rotina da instituição, leitura do currículo escolar e observações de sala de aula. Segue abaixo o passo a passo, de forma concisa, de como se deram as atividades nos módulos de regência:

Módulo	Aula síncrona (1h30)	Aula assíncrona
1. O que é o autorrelato?	Introdução ao gênero relato escrito e revisão da modalidade oral, ressaltando a importância da linguagem para a construção da identidade do sujeito. Visita digital ao Museu da Pessoa, para visualização de relatos orais e leitura dos relatos escritos. Diálogo com a turma para conhecer suas impressões e fazer a construção coletiva de um conceito comum sobre o gênero. Observação das imagens biográficas e, por fim, proposição da produção escrita.	Esse momento assíncrono será reservado para a feitura da produção escrita através do envio pelo formulário do google.

Módulo	Aula síncrona (1h30)	Aula assíncrona
2. Português ou Brasileiro: identidade, memória e pontos de vista sobre a língua portuguesa e suas interpelações históricas e sociais.	Questionamentos iniciais aos estudantes para retomada de conceitos anteriormente trabalhados e de possíveis experiências da bagagem cultural dos alunos. Exibição de vídeo explicativo sobre a história da formação da língua portuguesa. Apresentação de slides para aprofundar questões vistas nos vídeos. Proposição de reflexão sobre o que hoje em dia a academia debate sobre os pormenores entre o Português Brasileiro e o Europeu.	Apreciação de vídeo e escrita de um comentário analítico sobre o mesmo.
3. Desvio da norma padrão e variação linguística: o que isso tem a ver com a ortografia?	Apreciação de imagens comumente vistas no cotidiano dos alunos e propor uma reflexão sobre o uso da norma padrão e variação linguística. Exposição de slide com os casos ortográficos que serão estudados. Gincana Soletrando de palavras que tenham casos ortográficos vistos na apresentação de slide.	Momento assíncrono reservado para a feitura da atividade no formulário do google.
4. Relato pessoal, empatia e diálogo.	Roda de conversa para socialização dos relatos.	Não haverá (visto que esta aula foi reservada para socialização das produções escritas).

## REFERENCIAL TEÓRICO

A proposta de trabalho para a regência se pautou pela preocupação em partir do texto escrito como mote para a reflexão sobre os usos e a norma linguística (GERALDI, 2004). Como também, tendo em vista a experiência anterior do estagiário com o trabalho remoto, foi pretendido atender a demanda da produção escrita, que ficou bastante prejudicada com a necessidade do distanciamento em meio à pandemia, e a necessidade de adequar o ensino para esse ambiente adverso e digital.

Dessa maneira, numa tentativa de aliar as necessidades expostas anteriormente e o cronograma do conteúdo do momento da regência, resolveu-se trabalhar com o relato pessoal escrito, já que com esse gênero também seria possível desenvolver a escrita autoral dos alunos, uma vez que o protagonista desses relatos seriam os próprios estudantes (ARAÚJO et al., 2015). Ainda, essa estratégia também foi uma maneira encontrada pelo estagiário para motivar os alunos nesse processo de escrita e participação ativa em aula, pois é perceptível o

quanto a escrita formal ainda se configura como uma dificuldade presente em diversos contextos escolares.

Sendo assim, buscou-se fazer uma relação do trabalho de escrita com a reflexão linguística da norma padrão do Português. Objetivando, portanto, atender aos problemas de escrita dos alunos e fazendo com que eles tenham um contato mais aproximado e contextualizado com a gramática (NEVES, 2002). Espera-se que, ao invés de apenas decorar prescrições, os estudantes tenham a oportunidade de desenvolver habilidades que os ajudem a reconhecer desvios de norma, refletir sobre esses desvios e sua relação com as variantes e as identidades dos sujeitos que as utilizam.

Nesse sentido, no lugar de serem expostos apenas a exemplos descontextualizados de outrem, eles também farão o trabalho de autocrítica, trabalhando igualmente os desvios de sua própria escrita e fazendo a reescrita de seus textos para que possam colocar em prática essa reflexão de análise linguística que será trabalhar em conjunto no processo de produção escrita. Além do mais, pretende-se desmistificar a visão que muitos têm sobre a aula de língua portuguesa como um momento pedante ou uma disciplina difícil, visto que o planejamento das aulas é feito na tentativa de dar sequencialidade aos momentos de aprendizagem, quase como uma sequência didática, coisa que já tem sido feita pela professora regente.

A finalidade de utilizar diversos gêneros e textos é para atender a demanda atual de letramento multimodal que os estudantes têm; seja com o seu ambiente cotidiano, como com o ambiente digital (OLIVEIRA e SZUNDY, 2014). Foi dado início ao objeto de ensino “relato oral e escrito” partindo de autorretratos e pinturas rupestre, pois entendeu-se que a reflexão sobre a escrita não precisa ser sempre de forma tradicional, podendo também explorar diferentes modalidades de expressão da língua – nesse caso, a leitura visual - para se chegar ao texto escrito. Seguindo com o objeto Formação da Língua Portuguesa, decidiu-se por explorar as plataformas digitais e trazer vídeos informativos do Youtube para fazer com que os alunos vejam que é possível utilizar essas plataformas de diversas formas, até mesmo para estudar, por exemplo como foi feito com o uso do Instagram no primeiro objeto de ensino.

Por fim, o trabalho com a ortografia enquanto objeto deu margem para a análise linguística de textos verbo-visuais, com o objetivo

de trazer a reflexão sobre a norma, a variação e a identidade dos sujeitos que utilizam a língua. Também, para otimizar a abordagem desse conteúdo gramatical, foi decidido trabalhar com uma dinâmica de jogo Soletrando, tendo em vista que a estratégia didática da *gamificação* tem se mostrado bastante benéfica na conquista da atenção dos estudantes, bem como na motivação deles para participar de forma ativa no processo de aprendizagem (TOLOMEI, 2017).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A despeito de tudo que o que eu projetava sobre os alunos e meus devaneios ansiosos, os alunos foram extremamente acolhedores. De modo que, eu pude realmente confirmar o perfil interativo da turma, o que foi bastante gratificante. De início, eu me apresentei e procurei saber as dificuldades de todos com o acesso às plataformas digitais, tendo recebido uma resposta positiva, avancei para apresentar o plano de trabalho da regência e demos início a aula propriamente dita.

Comecei a aula questionando os alunos sobre o motivo de nós seres humanos termos uma necessidade muito grande de nos comunicarmos, o que isso teria a ver com o uso da linguagem e a representação. Com a respostas dos alunos eu fui trazendo a reflexão sobre o papel do relato pessoal, para que ele serve etc. Depois, perguntei se eles já conheciam o Museu da Pessoa, muitos disseram que não, e então propus que fizéssemos um tour pelo museu para apreciarmos dois relatos pessoais em vídeo e depois outros dois escritos.

Depois dos vídeos expostos e os textos escritos lidos, eu fui tentando sistematizar com a turma qual a diferença que eles perceberam entre os relatos escritos e falados e tentei criar fazer isso no *Jamboard*, mesmo que não tenha dado certo, eu fui fazendo essa relação de maneira oral com estudantes, com objetivo de que os alunos entendam a relação do oral e do escrito como um contínuo e como isso afeta o gênero (MARCUSCHI, 2008).

Partindo disso, apresentei para os alunos alguns slides sobre os elementos da narrativa para direcionar a proposta da produção textual que eu viria a fazer ao final da aula. Escolhi trabalhar com o relato pessoal pois, além da escrita ser um problema comum nas para os estudantes de modo geral, percebi que ela tem sido colocada de lado durante o ensino remoto. Assim, procurei atender a esta demanda

e tentar desenvolver a escrita autoral dos alunos, visto que o relato pessoal tem essa potencialidade (ARAÚJO et al, 2015). Seguindo, eu trouxe também alguns autorretratos e gravuras rupestre e fui perguntando aos alunos o que eles compreendiam daquelas imagens, fui retomando a reflexão inicial da aula sobre a necessidade humana de comunicar e representar as coisas e a si mesmo na linguagem.

Então, apresentei uma postagem do *Instagram* que trazia a questão da manipulação de narrativas pela mídia, para que os estudantes pudessem compreender os diversos usos da língua/linguagem e como esses usos podem servir para diversos propósitos, inclusive malignos, como a reprodução de violências e preconceitos. Para, assim, refletirmos sobre a construção dos pontos de vista no relato jornalístico, da mesma maneira que igualmente acontece nos relatos pessoais do museu da pessoa e de maneira visual nos autorretratos, já que mesmo em domínios discursivos diferentes a forma como a língua/linguagem é utilizada ajuda a demonstrar quem são os sujeitos e instituições e como eles querem ser visto ou querem influenciar no entendimento de alguma situação.

Ao chegar no final da aula, fiz a proposta da produção do relato pessoal escrito, deixando em aberto para se os estudantes quisessem utilizar elementos visuais ou verbo-visuais para incrementar seus relatos, como; desenhos, hipertextos, imagens, etc. Uma vez que, no final da regência, iremos fazer a socialização desses textos. Por fim, a aula assíncrona ficou reservada para a produção e envio do relato pessoal escrito.

A aula seguinte foi iniciada com questionamentos sobre nossa identidade latina. Somos ou não considerados latinos? Para ser latino precisa falar espanhol? O que temos em comum com hispano falantes? Qual a relação entre o nosso distanciamento da américa latina e o imperialismo norte-americano? Tudo isso para que refletíssemos sobre a origem das línguas românicas, a América Latina e a identidade do que é ser brasileiro.

Avançando na aula, passei para a parte da apresentação em que mostrava um vídeo explicativo sobre o motivo da separação da América Latina em vários países e porquê aconteceu diferente no Brasil. Esse vídeo despertou bastante considerações dos alunos e foi um momento de bastante troca sobre a questão da nossa identidade nacional. Passado esse momento, Exibir um outro vídeo que trazia

uma introdução sobre a formação histórica da língua portuguesa. Depois, passei os slides para a parte em que iríamos entender como a língua portuguesa tinha sido derivada do Latim, e mantinha certo grau de parentesco com outras línguas românicas. Mostrei também o meme abaixo para descontrair um pouco e entendermos um pouco mais dessa relação “familiar”.

Dessa maneira, cheguei num momento mais expositivo da aula, em que fui explorando questões históricas relacionadas ao domínio romano, retomei questões vistas no vídeo de forma mais aprofundada, fui comentando sobre a constituição do latim como língua do império e mostrei o mapa do império romano na época. Então, chegamos na época em que o português ainda era um galego-português, trouxe uma poesia para ilustrar e igualmente fiz com as outras fases que o português passou – português arcaico, português clássico e português contemporâneo brasileiro – para então mostrar as palavras que o português agregou das línguas românicas e de outras línguas que tiveram amplo contato com o português, como as línguas africanas, indígenas e do oriente médio.

Apresentei, de modo mais específico, a transição do latim para o português, trazendo as mudanças que ocorreram, como a queda de declinações para a noção de gênero gramatical que temos hoje, extinção de casos de marcação sintática, palatalização de encontros consonantais e a dissolução do gênero neutro, esse último levantou um debate sobre uso do gênero neutro e, inclusive, um dos alunos pediu desculpas por em outras aulas ter julgado erroneamente esse debate, o que me deixou bastante feliz por ter contribuído nem que fosse minimamente para essa reflexão.

Nesse sentido, abordei o amplo contato dessas outras línguas no português e trouxe o exemplo da língua geral falada no Brasil Colônia, já que o português foi implantado como língua oficial do Brasil tardiamente. Assim sendo, trouxe o fato de como esse multilinguismo afetou o português e está presente até hoje. Logo, ao final da aula, fiz alguns questionamentos aos alunos para incentivar um pequeno debate sobre se falamos português ou brasileiro, segunda a postura adotada por Bagno (2001), em que ele aponta que a mudança entre o que ele chama de dois idiomas diferentes é tão grande, não só à nível léxico como sintático, que ele considera o português falado no Brasil já como um outro idioma.

Esse momento final rendeu bastante troca sobre a validade do argumento do autor, muitos concordaram que sim, falamos um outro idioma e mesmo com a aula tendo terminado eu tive que ficar algum tempo depois, pois um ou outro aluno quis conversar mais sobre a questão, o que me deixou bastante contente com o rumo inesperado que minha aula tomou.

Por fim, na última aula questioneei se os alunos já viram imagem/propaganda com desvio da norma padrão pelo cotidiano deles, para então trazer a reflexão sobre a variação da língua, seus contextos de uso e a questão do preconceito linguístico (Bagnó, 2013). Essa discussão deu muita margem para a interação dos alunos e eles trouxeram várias experiências de suas próprias vidas que contribuíram para a reflexão. Acredito que isso tenha acontecido também por ter sido um tema muito caro à professora e já abordado por ela.

Mais adiante, tendo em vista a produção textual dos alunos, eu busquei, para além de trabalhar os problemas mais comuns, trazer os desvios de norma que eu notei serem mais usuais na produção escrita dos alunos. Sendo assim, expus os casos de ortografia que trabalharíamos: uso do g/j, am/ão, h inicial, x/ch, s/z e algumas outras questões notacionais da língua. Em seguida, apresentei o slide com explicações de uso das questões ortográficas mencionadas acima.

Procurei retomar as questões fonológicas que a professora trabalhou anteriormente e fui explorando a relação entre som e letra que apareciam durante o caminhar da exposição dos conteúdos. Por conseguinte, fiz um momento que chamei de “soletrando”, em que separei palavras que seguiam os casos de ortografia vistos anteriormente. Assim, os estudantes tinham que soletrar as palavras que eu ia elencando, tal como no programa de televisão, e com o andar da atividade eu pude fazer a avaliação da aula, ou seja, pude aferir se os alunos tinham de fato internalizado o conteúdo dado.

Finalmente, retomei a reflexão sobre a variação linguística e as adequações que precisamos fazer em relação ao contexto que utilizamos a língua, levando sempre em consideração tanto a problemática da norma padrão da língua portuguesa, como a sua importância para a organização linguística e a ampla compreensão dos sujeitos que compartilham esse código. Já para a aula assíncrona, disponibilizei uma ficha de questões - no modelo ENEM, visto tanto a procura dos alunos, como a pertinência, pois é um turma de ensino médio - sobre

as ocorrências ortográficas que estudamos na aulas síncrona. Então, finalizei a aula respondendo a algumas dúvidas e questionamentos dos estudantes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, ao final realizei a leitura dos relatos e, então, fui elencando os que mais me chamaram atenção, tanto em termos de interesse nas estórias, como da composição do gênero. O que me chamou bastante atenção foi a dinamicidade dos relatos, neles pude encontrar tanto reflexões subjetivamente profundas, como situações cotidianas. Dessa maneira, os casos que encontrei nos relatos variaram entre situações extremamente negativas, que trouxeram situações de morte e tentativas de suicídios, até situações extremamente positivas, de situações muito boas com a família e amigos. Um caso que eu fiquei bastante feliz de ter feito parte, mesmo que de maneira muito rápida, visto que foram apenas 4 aulas de regência, fora o da menina que tinha um amigo imaginário na infância. Me deixou bastante contente o fato dela me ter deixado ler sua história, uma vez que alguns se sentiam desconfortáveis com a exposição. Então, pude ler sua história, e a aluna que normalmente não abria a câmera se sentiu acolhida ao ponto de ligar sua câmera e compartilhar com a turma que estava a escrever um livro autobiográfico sobre sua infância de reclusão e distanciamento. Pois, a mesma comunicou a todos que sempre teve problemas com a socialização com outros colegas de classe.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, S.F.D. *et al.* O ensino do gênero textual relato pessoal frente aos déficits da comunicação em sala de aula. **II Congresso Nacional de Educação**, 2015.

BAGNO, Marcos. Português ou Brasileiro? (Um convite à pesquisa). São Paulo: **Parábola Editorial**. 182 p., 2001.

BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico: o que é, como se faz. São Paulo: **Parábola**, 56ª ed, 2015.

GERALDI, João Wanderley. O texto na sala de aula. São Paulo: **Editora Ática**, 2004.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual: análise de gêneros e compreensão. 2.ed. São Paulo: **Parábola Editorial**, 2008. 295p.

MARTINS, S.C.B. Tecnologias na Educação em Tempos de Pandemia: Uma discussão (Im)pertinente. **Interacções**, 55, 6-27, 2020.

NEVES, Maria Helena Moura. A gramática na escola. São Paulo: **Contexto**, 2002.

OLIVEIRA, M.B.F., SZUNDY, P.T.C. Práticas de multiletramentos na escola: por uma educação responsiva à contemporaneidade. **Bakhtiniana**, 9, 184-205, 2014.

PEREIRA, H. M. R.; BAPTISTA, G. C. S. Uma reflexão acerca do estágio supervisionado na formação dos professores de ciências biológicas. **Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciência**. Florianópolis, 2009.

SANTOS, H.M. O estágio curricular na formação de professores: diversos olhares. **28ª REUNIÃO ANUAL DA ANPED**, GT 8 – Formação de Professores. Caxambu, 2005.

TOLOMEI, Bianca Vargas. A gamificação como estratégia de engajamento e motivação na educação. **EaD em foco**, 7, 145-156, 2017.